

O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior

Iulo Almeida Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Índice

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	2
2	MUNDO DAS IMAGENS TÉCNICAS: da fotografia e das formas de pensar	4
3	DO ANALÓGICO AO DIGITAL: formas de ver	8
4	O QUE VEMOS: concepção e execução	11
4.1	Pesquisa em Comunicação	11
4.2	Execução do Projeto	12
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
6	REFERÊNCIAS	18
7	ANEXOS	19
7.1	Anexo A – <i>Release</i> enviado ao photostaff	20
7.2	Anexo B – Planilhas de informações das fotografias	22
7.3	Anexo C – Ofício de solicitação do Centro de Cultura Ca- millo de Jesus Lima	36
7.4	Anexo D – Fotografias produzidas por Flávia Mota	37
7.5	Anexo E – Fotografias produzidas por Franziska Lach	39
7.6	Anexo F – Fotografias produzidas por Gabriel Chiarastelli	41
7.7	Anexo G – Fotografias produzidas por Iulo Almeida	43
7.8	Anexo H – Fotografias produzidas por Jean Prestes	45
7.9	Anexo I – Fotografias produzidas por Mariana Quadros	47
7.10	Anexo J – Fotografias produzidas por Marla Pollyanna	49
7.11	Anexo K – Fotografias produzidas por Rafael Kent	51
7.12	Anexo L – Fotografias produzidas por Thiago Pinheiro	53

7.13 Anexo M – Fotografias produzidas por Welder Dias	55
7.14 Anexo N – Convite para a exposição O Que Vemos	57
7.15 Anexo O – Fotografias da exposição O Que Vemos	58

RESUMO

Com o intuito de comunicarmo-nos com os outros, divulgando, ao menos em parte, nossa visão subjetiva e imagética de mundo, utilizamos, também, as imagens técnicas. Idealizamos um produto fotográfico experimental: a exposição O que vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior, cujas fotografias estão ligadas ao homem como ser pensante, capaz de expor suas ideias e conceitos pessoais. Essas imagens também se ligam ao seu mundo interior, aludindo ao que o fotógrafo vive e conhece do mundo que o cerca. Todo o trabalho fotográfico foi realizado por uma equipe de pessoas, que utilizaram câmeras analógicas descartáveis para capturar momentos, os quais remetessem a suas experiências de vida internas e externas. Todo o equipamento fotográfico utilizado neste projeto fez parte da mostra ao final do trabalho. A única instrução recebida foi fotografar tudo quanto mobilizasse sua atenção e desejo, para garantir a presença da subjetividade em cada disparo. A divulgação aconteceu por convites enviados por e-mail e a exposição O Que Vemos teve lugar no Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima em Vitória da Conquista de 22 de maio de 2009 a 06 de junho de 2009.

Palavras-chave: fotografia experimental; imaginário; subjetividade.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Meu interesse pela fotografia iniciou em 1994 quando, com sete anos de idade brincava com uma câmera emprestada de minha mãe – Kodak Instamatic 177XF – que, já antiga, utilizava o exclusivo filme 26mm da Kodak. Levava a câmera para todo lugar, era o meu terceiro olho. Eu fazia daquele objeto um espaço onde podia guardar o que me significava o mundo.

Quando visitei a cidade do Rio de Janeiro pela primeira vez, em 1998, tirei algumas fotos na esperança de que pudessem levar o que

eu tinha visto e admirado a quem não estava lá. Qual não foi minha surpresa quando as fotografias saíram esbranquiçadas e tremidas. Havia mostrado o Rio do jeito que eu vi: com o astigmatismo incômodo que me acompanha desde pequeno.

De 1998 a 2003, a fotografia parecia “ter dado um tempo”¹, pedindo em mim para ser arte e apenas a ser contemplada, ainda que fosse ao rir das poses e caras engraçadas das pessoas que estavam impressas. No final do ano de 2003, tive uns dos meus primeiros contatos com a fotografia digital. Eu, acostumado a ver pela lente de uma Instamatic, analógica e simples, dei espaço à tecnologia. Ela passou a ser intensivamente mais presente, mais interligada a mim. Tornei-me perito em *megapixels*, embora fosse conduzido pela “política livre” *point & shoot* (sem saber, até então, da sua existência). E, dessa forma, fui gostando mais, me entregando mais, me apaixonando, de fato, pelas fotos, pelas cores, pelo retrato.

Quando, em 2005, fui aprovado para o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UESB, achei que pudesse mesmo trabalhar o que me agradava no cerco amplo (paradoxo meu) das imagens. A ideia de fazer um Trabalho de Conclusão de Curso voltado à fotografia, no entanto, só surgiu em 2006, quando cursava o 3º semestre. Sabia que seria difícil guiar um projeto nessa área, já que o Curso não dispunha de disciplina alguma ligada à fotografia, a não ser por Elementos e Teorias da Comunicação Audiovisual, ministrada pela Professora Macelle Khouri, que esboçou e me fez pensar sobre diversos aspectos das imagens técnicas.

Ainda em 2006, comprei uma câmera digital Fujifilm. O modelo havia acabado de ser lançado no Brasil e eu já tinha o meu. Lembro-me de quando fiz o pedido online e da ansiedade para que os Correios me entregassem a encomenda tão logo. Esperar a entrega foi realmente contar o tempo. Quando finalmente minha Fuji chegou, foram devoção total e tempo integral dedicados a ela. Alguns meses depois, sem querer, danifiquei um *dial* da câmera, essencial para tirar fotos no modo Manual. A câmera, então, tinha virado algo automático demais. A máquina me dominava, não permitia que eu escolhesse nada: abertura, exposição. Para mim, o mais interessante. E, assim, como tudo nessa vida, enjoei. Cansei do brinquedo. Usava a câmera, agora, apenas quando me pe-

¹ Expressão idiomática que significa uma pausa ou parada temporária

diam para fotografar alguma coisa ou, mesmo desencantado e abstraído, quando a vontade batia.

Após dois anos consecutivos sendo cego, indiferente, cabisbaixo, receptivo demais e entregue sem questionamento ao formato digital, redescobri a fotografia de raiz. Apresentei a mim mesmo – após inúmeras consultas na Internet – a Lomografia e conheci *pinholes*, *Rolleiflex*, olhos-de-peixe, câmeras com quatro e com oito lentes. As fotografias feitas por elas eram perfeitas, claras, limpas, substancialmente diferentes. Estava extasiado. Havia decidido que faria a exposição usando as *toy cameras* de imagens oníricas. Ao conversar com a Professora Joliane Olschowsky, com quem troquei as primeiras ideias sobre a exposição lomográfica em *emails* longos bastante interessantes, pude refletir sobre o que teria de superior nas câmeras de brinquedo que eu havia pensado em importar a preços altos demais apenas para o trabalho de conclusão: nada. O encantamento se dava apenas porque suas imagens eram fantásticas. Desisti, então, da ideia.

Como já estava mesmo “encabeçado” em fotografia analógica, decidi que faria meu Projeto Experimental em Jornalismo dessa forma. Apenas no sétimo semestre, durante as últimas aulas da disciplina Teorias e Metodologia da Pesquisa em Comunicação, com o Professor Araelson Leandro, concretizei meu TCC. O professor me orientou no sentido de fazer um novo produto – não mais a exposição: um catálogo fotográfico. Ideia aceita, planejei todo o trabalho e contabilizei gastos absurdos. Então revi o projeto, diminuí time de fotografia, reduzi livro, enxuguei o orçamento. Cheguei, enfim, a um valor plausível e possível de ser executado, caso me empenhasse demais financeiramente para realizar.

Mantive o projeto dessa forma, planejei uma estratégia de obtenção de patrocínio, imprimi algumas cópias e enviei a diversas empresas que disponibilizam apoio cultural. Recebi apenas uma resposta – negativa aliás. Decidi seguir com a ideia ainda assim. Após mais outras ofertas e conversas com outros possíveis patrocinadores, notei que seria absolutamente complicado e dispendioso. Resolvi por fazer mesmo a exposição fotográfica.

A exposição fotográfica *O Que Vemos* consiste de fotografias feitas por um grupo determinado de pessoas, que expressaram o que sentiam, pensavam, imaginavam ser, idealizavam ou o que elas simples-

mente viam, daí o título. Todo o trabalho fotográfico foi realizado com câmeras analógicas descartáveis da marca Fujifilm, modelos QuickSnap Super e QuickSnap Marine, mais simples, na tentativa de não atribuir aspectos tecnológicos que facilitassem o processo ou mascarassem de alguma forma o que elas, máquinas e pessoas, podiam ver.

O objetivo deste trabalho não se baseou em estabelecer relações semióticas ou semiológicas nem análises iconológicas ou iconográficas das imagens obtidas através das máquinas. Antes, *O Que Vemos* é uma forma de expressão mental individual, um trabalho de arte comunicacional, um exercício fotográfico experimental que tenta exteriorizar o processo ideias-fotos. Busquei ainda acrescentar à produção cultural, manifestar arte e também divulgar produção acadêmica.

As imagens são universais e atingem as pessoas de forma mais rápida. As fotografias deste projeto se relacionam com o fotógrafo – sendo parte dele, sendo retratos do *visto* por ele – e dialogam com o público pela simplicidade de sua exposição, por serem elas mesmas fotografias únicas e por se completarem em uma mostra fotográfica.

2 MUNDO DAS IMAGENS TÉCNICAS: da fotografia e das formas de pensar

Desde que nascemos, estamos mergulhados no mundo das imagens: espelhos, filmes, fotografias. São representações da realidade. Crescemos vendo e observando tudo a nossa volta. Somos, então, animais basicamente visuais. As informações obtidas através dos olhos são rápidas e desencadeiam conexões neurais “inequívocas”, baseadas na observação presente e em nossas experiências passadas.

Construímos, na consciência, uma espécie de “biblioteca” onde depositamos tudo o que é visto. Guardamos ideias, significados, palavras e, com essa “base de dados”, que compõe o nosso mundo interior, somos capazes de nos expressar através das imagens. Segundo Flusser (1985), quando os textos não mais significam imagens, nada resta a explicar. Nesse mundo, em que as explicações passam a ser supérfluas, surgem as imagens técnicas², a fim de ultrapassar os textos e imaginá-los concebendo imagens que imaginam o mundo.

² Flusser argumenta que as imagens técnicas são produtos indiretos dos textos. Por “imagens técnicas”, este autor define imagens que são produzidas por aparelhos. Elas

As imagens técnicas apresentam uma aparente objetividade, o que é ilusório, pois, na realidade, são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Barthes (1984), a esse respeito, assevera que seja o que for o que ela dê a ver e qualquer que seja a maneira, a fotografia é sempre invisível: não é ela que vemos. A imagem é metacódigo³ do real, pois ela apresenta e traduz a realidade conceitual - seja de palavras ou textos.

O que vemos na fotografia, assim, é o referente, o representante do real ali estampado. Para Flusser (1985), fotografias são imagens de conceitos.

(...) as imagens técnicas teriam uma função reunificadora do pensamento. Têm o fito de resgatar a faculdade do pensamento, de mover-se circularmente, sem direções privilegiadas, uma vez que não se pode linearizar a fruição das imagens. O uso de imagens na comunicação deve favorecer a volta do pensamento circular e a interatividade entre o pensamento lógico e o pensamento imagético (OLSCHOWSKY, 2007: 70).

Servimo-nos das fotografias para transmitir pensamentos, conceitos e para imortalizar acontecimentos. O ato fotográfico, no momento da tomada, prende, dentro da câmara, um tempo inatural. O aparelho coleciona pequenas lâminas de passado, subtraídas de um espaço pleno. Nesse sentido, a fotografia tem a função absurda, ainda que abstrata, de ratificar o que aconteceu. É o conceito barthesiano (1984: 13) de que o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez. Nessa perspectiva, há uma leitura de que uma imagem construída de acordo com uma concepção de verdade é verdadeiramente objetiva.

O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. As personagens retratadas envelhecem

são dificilmente decifráveis pela razão curiosa de que aparentemente não necessitam ser decifradas.

³ Termo utilizado por Flusser para definir a função dos textos (explicar imagens) e dos conceitos (analisar cenas), explicando que os textos não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas. Argumenta, ainda, que embora textos expliquem imagens a fim de rasgá-las, imagens são capazes de ilustrar textos, por isso conclui que determinadas imagens passam a ser metacódigo de textos.

e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive (KOSSOY, 2000: 139).

A fotografia nos transporta, dessa forma, de um tempo cronológico a um tempo memorial afetivo, no qual as lembranças fixadas na imagem substituem pessoas e acontecimentos reais que se perdem. É válido ressaltar que, por meio delas, podemos transmitir sentimentos, pensamentos e conceitos tão particularmente nossos e que, enquanto difusor de visão de mundo, a fotografia sofre alterações por parte do fotógrafo. É este quem decide o que, como, onde e porque fotografar. Serve-se de sua subjetividade e alcança resultados devido a diversos aspectos, entre eles, a memória psíquica.

O mundo ao nosso redor é caótico e, diante dele, o olhar exerce uma função organizadora, estruturadora e hierarquizadora. Dependendo do nosso gosto, de nossa familiaridade com o observado, veremos o mundo de maneira completamente diferente das pessoas que nos cercam. Nosso olhar traça e delimita um campo só nosso, particularmente único. Construímos e adquirimos conceitos e ratificamo-los justificando pelo que vemos. Imagens e ideias estão intimamente relacionadas.

O processo imaginário não se resume a armazenar imagens retiradas do mundo para nosso uso, argumenta Costa (2005). Ele inclui análises, sínteses, comparações. Além disso, fazemos juízos de valores complicados e subjetivos de acordo com o que apreendemos do que vemos e vivemos. Operamos sobre as imagens mentais como operamos sobre as coisas materiais, estabelecemos relações, afirmamos e refutamos ideias baseados em imagens relacionáveis. Criamos nossas próprias realidades internas baseadas nas imagens recebidas pelos olhos, realidades internas e verdadeiras, mas imaginadas, diz Olschowsky (2007).

O fotógrafo, então, reúne conceitos pessoais e, finalmente, expõe o que estava em sua mente, imaginado e subjetivo, em forma de fotografia. Buscando entender a subjetividade, Cardoso Jr. (2005) nos oferece um conceito foucaultiano de que subjetividade é a expressão do que em nós se relaciona com as coisas, com as pessoas e com o mundo, sendo que o tempo, o seu passar principalmente, é determinante nesse processo. A cada experiência, a cada noção de vida, a cada ano em que

nos “abastecemos” de novas informações, introduzimos novos valores ao que já era nosso.

Para Koury (2008), as experiências individuais dos sujeitos, que moldam a singularidade de uma existência, podem, assim, através da fotografia, ser visibilizadas e comprovadas. Deixam o mundo interior para comprovarem-se como socialmente existentes, como reprodução objetiva de uma experiência passada, em que pesam ideias/conceitos/pensamentos/conhecimento de mundo a serem transformados em imagens, comprovando que realmente existiram, como fatos históricos. Todo esse processo interior envolve a memória, a reflexão, os valores éticos e a afetividade. São as ideias complexas que estabelecemos sobre o mundo e o que cada indivíduo pensa dele. A sociedade ocidental, ao conferir o sentido de realidade ao que a fotografia apreende, não faz mais que representar ela própria (BOURDIEU, 1978).

Nossas percepções do mundo são cumulativas e acabam formando tendências que condicionam as futuras percepções. Se virmos algo certa vez, absolutamente traremos à memória tal dado e analisaremos, a partir deste, o novo objeto a ser contemplado.

As imagens técnicas são capazes de ultrapassar pensamentos e ideias e transformá-los em visões de mundo. Costa (2005) diz que é exatamente a importância que esse imaginário representa para nossa identidade e nossa atitude diante da vida que nos faz sentir necessidade de compartilhar com os outros essas vivências internas.

Há sempre uma intenção em se fotografar ou em se deixar fotografar. A cena é construída conforme nossa subjetividade, nossos valores arraigados ao longo do tempo; ela advém do nosso conhecimento de mundo. Nenhuma fotografia, então, é por acaso:

(...) em fotografia não pode haver ingenuidade. Nem mesmo turistas ou crianças fotografam ingenuamente. A-gem conceitualmente, porque tecnicamente. Toda intenção estética, política ou epistemológica deve, necessariamente, passar pelo crivo da conceituação, antes de resultar em imagem (FLUSSER, 1985: 19).

Quando fotografamos sendo leigos na técnica fotográfica, apenas brincamos com o aparelho. Desconhecemos os procedimentos físicos que ocorrem no interior da câmera e nos deixamos ser dominados

pelas potencialidades escondidas no programa do equipamento. A fim de se tornar fotógrafo – ou *operator*, na visão de Barthes (1984) –, é necessário conhecer a câmara, destrinchar seus mecanismos, ser “íntimo” da caixa preta, desvendar seus mistérios. Dessa forma, o fotógrafo domina seu aparelho e não é dominado por ele, ideal defendido por Flusser (1985).

3 DO ANALÓGICO AO DIGITAL: formas de ver

A fotografia digital aprimorou e ampliou o feito analógico, no final do século XIX, de George Eastman ao transformar as câmeras em equipamentos do poder de todos. Em ambos os casos, a “revolução tecnológica” proporcionou a democratização dessas inovações, mesmo guiada pela “bússola” necessariamente compulsiva do capitalismo. De toda sorte, “a fotografia tem sido igualmente útil para as posturas, atitudes e gestos individuais e coletivos” (MCLUHAN, 1979: 220).

Conhecemos as facilidades de uso das câmeras fotográficas digitais – instantaneidade, versatilidade de recursos, desvinculação da obrigatoriedade de revelação, para citar alguns – e não é exagerado afirmar que qualquer pessoa possa operar câmeras *cybershot*⁴, ainda que seja apenas para disparar uma fotografia, sem ter o mínimo conhecimento sobre imagens técnicas, estética, iluminação ou enquadramento.

O processo com a câmara analógica funciona da mesma forma, embora este aparelho seja mais “simples” e dotado de menos facilidade tecnológica. A limitação a que se vê restrito seu operador é de não poder ver instantaneamente o resultado de seu “tiro”, obrigando-o a voltar, para seu imaginário interno, um instante a mais antes de realizar um segundo disparo. Esta impossibilidade conjugada à finitude do filme favorece, ainda, a fruição do entorno.

Para que a linguagem visual seja de domínio popular,
necessitamos primeiro reconhecer sua importância como
parte do funcionamento do sistema cognitivo, independente

⁴ Designação usada para as câmeras digitais que seguem a tradição “aponte e dispare” inaugurada pela KODAK com intenção de, vulgarizando o uso do recurso fotográfico fácil, obter lucros imensos com a popularização da fotografia. São câmeras de “tiro” certo cibernéticas.

da vontade de se comunicar em palavras, e de cuja medida não nos damos conta devido à percepção das formas, automática e ligeira, produzir significados imediatos pelo disparo da rede cognitiva. A influência intelectual do ser que pensa esses significados (disparados pela percepção visual) é proporcional ao conhecimento de sua forma de operar sobre eles. Sendo o conhecimento restrito, restrito é o poder da maioria das pessoas sobre seu próprio imaginário (OLSCHOWSKY, 2007: 34).

O domínio completo dos meios de produção das imagens está majoritariamente concentrado em quem detém o poder. Comprovamos tal fato se examinarmos as relações antropológico-ideológico-social-hierárquicas desde as mais remotas civilizações – citemos a exemplo a cultura egípcia, cujas pinturas e feitura de tumbas funerárias eram destinadas aos faraós – até o simples e rotineiro exemplo do cotidiano: as mídias, que “controlam” a massa através de suas publicações e espetáculos, cujos conteúdos não instruem ou desmistificam o *fazer* nem contribuem para a formação intelectual de seu público. McLuhan (1979: 221) propõe solução: “Idealmente, a educação é uma defesa civil contra as cinzas radioativas dos meios de massa”.

Entretanto, ao percebermos a participação de indivíduos “comuns” em veículos jornalísticos massivos, como a televisão, destacamos que agora é possível inverter o sentido da produção da mensagem: pessoas, que antes não participavam da produção midiática, “adquiriram”, especialmente, a possibilidade de sugerir uma pauta, uma matéria jornalística.

O cidadão pode, agora, produzir fotografias com sua câmera *cyber-shot*, até mesmo com um celular, e reportar, então, acontecimentos e fatos, subvertendo a ordem de produção imagética e jornalística.

Este processo é devido, justamente, à revolução tecnológica, que favoreceu o desenvolvimento da fotografia – como arte e equipamentos a serem difundidos –, democratizando e, conseqüentemente, provocando maior penetração do jornalismo. A exemplo do fotojornalismo que se desenvolveu graças à “evolução” dos filmes de rolo, criados por George Eastman, e hoje cresce apoiado nos recursos fotográficos digitais. Ora, a fotografia, sua popularização e a educação do olhar – no sentido de

“estar alerta” para o fato, a notícia – favorecem o fazer jornalístico e a objetividade.

Mais envolvida, porém, com a subjetividade do fazer fotográfico, a questão levantada neste projeto está baseada na distribuição de câmeras aos componentes da equipe de fotografia, na instrução sobre o equipamento fotográfico e sobre fotografia e na ciência que envolve as imagens e a exteriorização dos conceitos particulares das pessoas.

Em consonância com Benjamin (1994), ao pensar a reprodutibilidade da obra de arte como perda da aura de objeto de culto, de obra única e artesanal, optamos pela câmera analógica descartável. Dada sua característica de uso único, a máquina se mantém “pura” e “protegida” contra reutilização, tendo servido apenas para a produção de uma série finita de fotografias.

As imagens capturadas no filme negativo, no entanto, podem ser reproduzidas infinitamente. Neste projeto, decidimos manter os negativos com a equipe de produção da exposição, a fim de privá-los de reproduções não destinadas exclusivamente à exposição, mantendo-os como lâminas únicas do passado.

É inegável o poder que a imagem tem sobre e para os seres humanos, sobretudo nós, ocidentais. Além de podermos expressar o que sentimos, o que pensamos, o que vemos do mundo através de palavras e conceituar nossas atitudes e nosso diálogo interno, expressamo-nos, ainda, por meio da fotografia. Temos de dominar a técnica a fim de, finalmente e claramente, transmitir o – até então – invisível, utilizando as imagens técnicas. Ou seja, transmitir a realidade com fotografias subjetivas. Flusser (1985) ainda diz que a intenção do fotógrafo é de eternizar seus conceitos em forma de imagens acessíveis a outros, a fim de se eternizar nos outros.

O conceito de “mundo interior” está relacionado ao nosso conhecimento de mundo (COSTA, 2005), às nossas emoções e ao que imaginamos dele. Toda a “coleção” de imagens, sons, palavras, conceitos, vivências passadas, toda a memória que temos forma nosso mundo interior e nos “nutrimos” dele sempre para nos relacionar com o mundo exterior.

Todavia, a lógica da fotografia não é verbal nem sintática. Do ponto de vista da comunicação, as linguagens visuais são mais universais do que as verbais e as sonoras. Somos capazes de identificar o contexto

mental, o sentido de uma imagem e de nos aproximarmos daquilo que seu autor quis dizer, mesmo que outros aspectos do contexto cultural em que foi criada nos sejam estranhos. McLuhan (1979) diz que, sem dúvida, a fotografia elimina as fronteiras nacionais e barreiras culturais.

A forma analógica da fotografia nos parece ainda mais verdadeira do que a digital por ser mais rústica, natural, espelho do real. É favorecido e necessário o conhecimento prévio da câmara a fim de fotografar como fotógrafo (FLUSSER, 1985) e retratar exatamente o que se quer.

Sabemos que as câmeras têm limitações físicas internas, especialmente as analógicas, mais rudimentares e simples, como as utilizadas neste projeto. Pensamos definitivamente mais sobre a fotografia quando utilizamos estes equipamentos. Somos “forçados” a pensar no que fotografar, se o retrato vai ter um bom resultado, se o filme negativo vai “queimar”, se o foco fixo alcançou o objeto de determinada fotografia etc. É notável que a tecnologia das câmeras digitais “apagou” o mistério da fotografia ao facilitar a câmara e seus mecanismos, ainda que tenha contribuído positivamente para diversos aspectos da produção imagética.

Estruturar a mente para a construção da imagem é extremamente importante e faz parte do processo cognitivo das pessoas, bem como produzi-las e imaginar suas diversas formas de exposição. É necessário, além do trabalho mental, desenvolver métodos e etapas a fim de otimizar a feitura do projeto.

4 O QUE VEMOS: concepção e execução

4.1 Pesquisa em Comunicação

As primeiras leituras sobre os temas “fotografia” e “mundo interior” foram feitas durante os 6º e 7º semestres e no processo de feitura da monografia para a graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na UESB em 2009.1.

Autores como Amalia Creus, Boris Kossoy (2002) e Mauro Guilherme Koury (2008) foram fundamentais para que nós compreendêssemos a fotografia como objeto histórico, de memória e ligado às pessoas de forma afetiva. A imersão em estudiosos como Roland Barthes (1984) e Vilém Flusser (1985) nos trouxe o aspecto filosófico e facilitou

o entendimento para que aprendêssemos a captar a essência de uma fotografia, sabendo admirá-la ainda mais, contemplá-la como objeto que significa além da cor. Estes dois últimos teóricos serviram de direção e base para o trabalho, além da autora Cristina Costa (2005) que apresentou o conceito de “mundo interior”.

Além disso, foram realizadas diversas pesquisas na internet a fim de tornar mais concisa e mais bem trabalhada a temática e a forma de apresentar o projeto, bem como serviu para definir linhas de *design* – parte do processo de criação – para a exposição.

4.2 Execução do Projeto

Elaboramos um roteiro de trabalho para a feitura da exposição “O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior”, composto das seguintes etapas:

a) Pré-produção

O projeto foi concebido e redirecionado algumas vezes. A ideia original de utilizar a Lomografia foi substituída pela fotografia analógica ao observarmos que os custos das câmeras lomográficas eram elevados, dado que teríamos de importá-las

Foi estabelecido que seriam utilizadas câmeras analógicas descartáveis. Defendemos o uso do filme negativo devido a sua qualidade de imagem superior – se comparada às fotografias feitas por câmeras digitais amadoras – e a utilização de equipamentos de uso único, pois não havia interesse de que eles fossem utilizados novamente, preservando assim a “aura” dos objetos.

Imaginar o processo para captura das fotografias nos custou algum tempo até “tomar forma”. A princípio, o grupo seria de vinte pessoas. Havíamos elencado os possíveis fotógrafos para o projeto, mas como a ideia ainda era incipiente e rasa, sofreu alterações a fim de ser aperfeiçoada e após cortes no orçamento, para facilitar a coordenação da equipe, decidimos que o grupo seria formado por apenas dez integrantes.

Para formar o time de fotógrafos do projeto, foram convidadas nove pessoas com afinidades particulares com fotografia, além da minha participação. Todo o *photostaff*, como foi denominado o grupo, faz parte

da rede que mantemos seja por internet, seja por convívio diário. Na equipe, temos profissionais que vivem da fotografia, outros são entusiastas da arte, outros, indivíduos livres de qualquer valor sobre a fotografia e até pessoas que se certificam que não sabem nada de fotografia a cada disparo.

Após definido o *photostaff*, compramos uma câmera analógica Fujifilm QuickSnap para cada participante. Cada câmera é equipada com um filme em cores, 35mm de 27 poses.

Para diversificar a experiência fotográfica, decidimos que seriam utilizadas cinco câmeras de cada modelo: QuickSnap Marine (por ser subaquático) e Super (câmera comum, possui *flash* embutido), como apresentado na Tabela 1. Compramos todo o equipamento, exceto pelo utilizado por Franziska Lach, que adquiriu sua própria câmera no mês de janeiro de 2009, devido à facilidade que teve de encontrar a máquina em seu país.

Tabela 1 – Equipe de Fotógrafos e Equipamentos

QUEM	CÂMERA	RESIDÊNCIA
Flávia Moreira Mota e Mota	QuickSnap Super	Vitória da Conquista - BA
Franziska Melanie Lach	QuickSnap Marine	Norderstedt – Alemanha
Gabriel Chiarastelli Cavalheiro	QuickSnap Super	São Paulo – SP
Iulo Almeida Alves	QuickSnap Marine	Vitória da Conquista – BA
Jean Douglas Silva Prestes	QuickSnap Super	Aracaju – SE
Mariana Meireles Quadros	QuickSnap Marine	Salvador – BA
Marla Pollyanna Franklin	QuickSnap Marine	Recife – PE
Thiago Pinheiro Martins	QuickSnap Super	São Paulo – SP
Rafael Henrique Lopes Kent	QuickSnap Super	São Paulo – SP
Welder dos Santos Dias	QuickSnap Marine	Vitória da Conquista - BA

A distribuição das QuickSnaps foi feita pelos Correios aos residentes nas cidades de São Paulo, Recife e Aracaju e, por entrega pessoal, aos residentes em Vitória da Conquista durante os meses de fevereiro de 2009 e março de 2009. Mariana Quadros adquiriu sua câmera

na cidade de Salvador em março de 2009, já que não conseguimos enviar-lhe em tempo hábil.

Juntamente com o equipamento, cada integrante recebeu uma espécie de *release*⁵ sobre o projeto e sua forma de exposição e, também, uma planilha – apresentada no Anexo B – que deveria ser devolvida a nós com as informações sobre cada fotografia tirada (total de 27 fotografias), caso o fotógrafo quisesse escrever algo que externasse as ideias ou sentimentos que ele teve ao disparar a fotografia. Solicitamos a todo o *photostaff* que devolvesse também as câmeras, pois elas seriam utilizadas na exposição, a fim de compor a mostra e explicitar ao público o equipamento utilizado.

O preenchimento dessa planilha não era obrigatório, o que, em havendo necessidade de intitular posteriormente cada foto ou adicionar alguma informação, que não tivesse sido passada pelo próprio fotógrafo, nos seria permitido fazê-lo sem qualquer prejuízo. E, de fato, nem todos os participantes realizaram essa etapa.

No *release*, disponibilizamos instruções sobre como utilizar a QuickSnap, dadas suas “limitações” tecnológicas (abertura muito pequena, em f10, e velocidade relativamente alta, em 1/140). De certo modo, tal aspecto também delimitava os ambientes (externos em maioria) nos quais deveriam ser disparadas as fotografias, embora existisse o recurso do *flash* em cinco dos dez equipamentos, possibilitando o uso da câmera também em ambientes internos.

O *release* ainda continha noções sobre o que deveria ser fotografado: tudo quanto significasse ou simplesmente fosse visto e considerado interessante para o fotógrafo do projeto.

b) Produção: captura das fotos

Essa fase do projeto demandou paciência para a organização e coordenação da equipe de fotografia. Embora algumas pessoas tenham cumprido o prazo estabelecido (o envio das câmeras deveria ter sido efetuado até a primeira semana de abril de 2009), outras levaram um tempo mais longo com suas câmeras além do *deadline*.

⁵ Em Jornalismo, *release* é utilizado geralmente por assessorias de imprensa a fim de informar, comunicar, alertar, esclarecer ou responder à mídia sobre algum aspecto ou fato sobre seu assessorado.

O trabalho fotográfico de Franziska Lach foi efetuado em tempo mais curto e de forma rápida. Já tínhamos ciência de que ela faria as fotografias durante uma viagem de navio pelos Estados Unidos, Canadá, Panamá, Japão e China, e que, estando em algum desses países, o tempo que os Correios levariam para fazer a entrega da câmera seria extenso. Então, pedimos que enviasse de volta até o final do mês de fevereiro de 2009. De Kobe, cidade japonesa, recebemos um pacote com a Quick-Snap de Franziska Lach no prazo combinado.

As demais câmeras foram entregues durante o período compreendido entre a última semana do mês de março de 2009 até ao dia 22 de abril de 2009. No total, foram produzidas 245 fotos.

Destacando a atividade fotográfica individual, apontamos o desenvolvido por Mariana Quadros, que havia reportado que viajaria ao Rio de Janeiro e levaria sua QuickSnap a fim de que fossem seus próprios “olhos”. Ainda citamos o trabalho de Jean Prestes que, preocupado em subjetivar a realidade, se atentava em descrever na tabela, que recebeu da coordenação do projeto, todos os pontos que o motivaram a disparar a câmera. Franziska Lach retratou o mundo que, de fato, lhe significa e remete a emoções passadas.

A fim de acompanhar a produção fotográfica da equipe, fizemos contatos telefônicos e via *email* desde o mês de março ao mês de abril de 2009.

c) Pós-produção: montagem

A etapa de montagem da exposição teve início na primeira semana do mês de abril de 2009, quando foram revelados os primeiros três negativos recebidos (a saber, utilizados por Franziska Lach, Mariana Quadros e Marla Pollyanna) e as fotografias obtidas, então, convertidas em arquivo digital e gravadas em mídias de CD. Os últimos sete negativos foram revelados e processados da mesma forma até o final daquele mês.

Esse processo teve por objetivo principal reduzir custos e possibilitar a exposição, uma vez que atualmente toda fotografia feita em uma loja comum é extraída de uma impressora, após ter sido digitalizada a partir de um negativo. Apenas os filmes são revelados em processo fotográfico químico. Esse procedimento adotado por nós facilitaria a visualização de toda a produção do *photostaff*, já que, vistas na tela do

computador, detectaríamos, de forma mais eficaz, possíveis defeitos nas imagens, além de serem facilmente arquivadas.

As seguintes providências tomadas se referiam ao agendamento do local da exposição, com a pretensão de que a galeria do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, localizado em Vitória da Conquista, fosse utilizada para abrigar a mostra fotográfica. Paulo Mascena, coordenador do Centro de Cultura, foi contactado no início do mês de abril de 2009 e, após conversas telefônicas e entrega de ofício de solicitação do espaço físico e das instalações da galeria, apresentado no Anexo C, foram firmadas as datas da mostra fotográfica – de 22 de maio a 06 de junho de 2009.

Ao final da etapa de processamento das imagens, escolhemos as trinta fotografias que seriam expostas. A escolha foi feita pelo proponente do projeto, considerando pontos como enquadramento, luz e estética, além das questões subjetivas individuais, da expressão fotográfica da personalidade e realidade de vida de cada pessoa, e própria, da decisão de elencar qual imagem entraria para a exposição seguindo critérios pessoais.

Optamos por apenas três fotografias de cada componente do *photostaff*. Decidimos, então, que a ampliação das fotografias seria feita para o tamanho 30x45cm a fim de facilitar a visualização das imagens pelo público. Para que pudéssemos expor o material imagético escolhido, determinamos linhas minimalistas de *design*, com quadros individuais – suporte para cada fotografia ampliada – na dimensão 40x55cm em cor branca.

Abaixo de cada quadro com a fotografia, um pequeno espaço seria utilizado para colar um adesivo impresso com nome do fotógrafo e título (caso tenha). Foi definido que a câmera de cada fotógrafo do projeto seria exposta na mostra, a fim de explicitar ao visitante o equipamento utilizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar aspectos posteriores à feitura do trabalho, percebemos que o preenchimento do roteiro individual de captura de fotos deveria ter sido obrigatório, já que conhecendo o sentimento/emoção/pensamento do componente do *photostaff* ao fotografar, poderíamos elencar as fo-

tografias que, pelo olhar do curador, mais se aproximavam ou retratavam seu mundo interior. De todo modo, a falta dessas informações não prejudicou a montagem da exposição, pois aliada à exteriorização imagética, também, das vivências externas (do que estava ao redor) de cada fotógrafo, havia a preocupação com a qualidade de cor e interesse subjetivo das imagens produzidas (determinada fotografia era agradável ou não ao curador da exposição).

Sendo já fotógrafo, na visão flusseriana, dispus de mais ferramentas conceituais e técnicas de pensamento que os amadores, o que me habilitou – em teoria – a avaliar de outra forma a subjetividade almejada ou alcançada pelos fotógrafos do projeto. Pude determinar que certa fotografia seria exposta pois sua iluminação tinha características típicas de infância, de memória, se quisesse “trazer à vista” esta informação conjunta à fotografia do componente do *photostaff*, por exemplo.

Ainda que questões tenham sido levantadas sobre a equipe de fotografia, que tinha na sua formação pessoas que vivem a fotografia e outras que não entendem de sensibilidade de filme, enquadramento ou quaisquer outros aspectos sobre a fotografia, baseamo-nos no preceito de que a fotografia é arte que deve ser praticada e exercitada a fim de que sua filosofia e técnica sejam “levadas a frente”. E para que saibam, de fato, fotografar como Flusser considerava um fotógrafo: dominando o equipamento. Ao finalizar este trabalho, pensamos no quanto pudemos ter ensinado a utilizar o aparelho analógico a quem nunca havia operado este tipo de câmera antes ou como pudemos ter divertido nosso *photostaff* apenas pela simplicidade do equipamento – que, em alguns momentos, foi motivo de risos – e do projeto.

Apesar da habilidade técnica e produtiva que tivemos ao realizar este Trabalho de Conclusão de Curso, barreiras e limitações financeiras “tomaram espaço” na produção do projeto, mas não impediram que a ideia inicial – uma exposição fotográfica – fosse concretizada.

A realização deste projeto fotográfico é libertadora porque, ainda que a graduação seja em Jornalismo, também ratificou à academia que a Comunicação é permissiva, aberta, ampla e possibilita a nós que ousemos, tragamos novas ideias e que possamos produzi-las experimental e profissionalmente.

Nosso objetivo ao realizar *O Que Vemos* sempre esteve ligado à produção de cultura, de arte fotográfica, independente de ligação óbvia e

clara com o Jornalismo – e até desligado dele. Este projeto experimental foi mesmo um produto comunicacional, divulgando o ser humano e suas extensões como meios de comunicação: fotografias produzidas por homens para outros homens. Ora, agora percebemos linha paralela e até entrelaçada com o Jornalismo: divulgação de informação, síntese da base desta “política social”.

6 REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Um art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris: Minuit, 1978.
- CARDOSO JR., Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? *Foucault, tempo e corpo*. Psicologia: reflexão e crítica, v.18, n. 3, p.343-349, set. 2005.
- COSTA, Cristina. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005.
- CREUS, Amália. *Olho, máquina e coração: um estudo sobre as imagens fotográficas e sua relação com a memória e a afetividade*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 15 agosto 2008.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia como objeto de memória: Produto técnico e suporte ideológico na conformação do homem ocidental. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da*

Emoção, v. 7, n. 20, p. 160-176, agosto de 2008 (ISSN 1676-8965).

LIMA, Osvaldo L. dos Santos. *Câmara clara, um diálogo com Barthes*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 15 agosto 2008.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1979.

OLSCHOWSKY, Joliane C. *Imagens Técnicas e Objetividade*. In: *Mulher na ciência: representação ou ficção*. 2007. 244f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Cinema, Televisão e Rádio. p. 77-90.

7 ANEXOS

7.1 Anexo A – Release enviado ao photostaff

**INSTRUÇÕES
PHOTOSTAFF
O QUE VEMOS**

Produtor responsável:
Iulo Almeida Alves
77 8814-0777 | iuloalmeida@gmail.com

Av. Luís Eduardo Magalhães, 1527 – Ed. Portugal, ap 002 – Candeias
Vitória da Conquista – BA
45055-030

O QUE É

Como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), idealizei dois produtos fotográficos experimentais: um catálogo e uma exposição. Ambos têm o título *O que vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior*. O objetivo é mesmo de captar imagens a partir da perspectiva e vivência pessoais, interligando conhecimento de mundo e vontade de fotografar o que determinado aspecto representa para si. O nome do projeto – “o que vemos” – vem da ideia de retratar o mundo por meio das imagens conforme o que pensamos.

O projeto deve resultar na impressão de 300 exemplares do livro de fotografias – também chamado de catálogo ou book – com textos explicativos sobre o projeto em si e, aproximadamente, 150 fotos feitas por um grupo de 10 (dez) pessoas. O catálogo deverá conter, ainda, dados sobre cada imagem, cedidos e produzidos pelo próprio fotógrafo. Com o objetivo de divulgar a produção artístico-cultural, então, pretendo distribuir gratuitamente alguns exemplares do book e montar a exposição em dois locais públicos na cidade de Vitória da Conquista – BA.

A previsão é de que o livro e a exposição estejam prontos para o público entre maio e junho de 2009.

MATERIAL

A câmera, que você está recebendo, é uma analógica descartável Fujifilm Quicksnap. Ela já vem equipada com um filme 35mm ISO 800 de 27 poses. Na verdade, preciso de que você fotografe tudo quanto quiser, da forma que quiser. Se quiser fazer uma série de fotos e dar um título ao ensaio, beleza. Se quiser fotografar só pneus, beleza também – desde que tenha algum significado ou mesmo que não tenha. A câmera é sua, é seu brinquedo.

É meio uma experiência realista/naturalista-expressionista e vice-versa: transmitir a realidade com fotos subjetivas e/ou subjetivar a realidade com fotos.

Para participar do projeto O Que Vemos, você não vai precisar de muita coisa além da QuickSnap: uma caneta e um bloco de papel. Preciso de que anote tudo o que sentiu, o que pensou, o que desejou ao tirar cada foto. Escreva um breve comentário/relatório sobre cada foto tirada, com informações como local, data, motivo e título. Preciso de dados detalhados para colocar no catálogo.

Exemplo:

Foto 01 | Título: Pato na lagoa | **Local:** Hamburg – Alemanha | **Data:** 02/02/09

“Quando vi o reflexo do pato na superfície da água, lembrei do quadro expressionista de Van Gogh e, a partir disso, decidi fotografar porque a cor azul me agrada muito, trazendo memórias da minha infância em Botucatu – SP, voltando aos conceitos evolucionistas propostos por Darwin em seu livro *A Revolução da Evolução*”.

Mas daí a não querer escrever nada também é válido, o que me dá liberdade para escrever e nomear a fotografia no catálogo.

Se te interessar, deixo as especificações tiradas do site da Fuji:

CÂMERA	DESCRIÇÃO
QuickSnap Super	Lente plástica, 32mm, f/10, foco fixo Velocidade: 1/140 Condições de exposição: lugares externos com intensidade solar Distância objeto-lente: 1m - infinito Distância do flash: 1m - 4m
QuickSnap Marine	Lente plástica, 32mm, f/10, foco fixo Velocidade: 1/125 Condições de exposição: lugares externos com intensidade solar Distância objeto-lente: campo aberto: acima de 1m (lugar externo com luz do dia ou nublado) Embaixo d'água: entre 1 e 3m (com luz do dia em água limpa) Resistência subaquática: profundidade até 10m

Dica: sempre que tirar foto em lugar fechado (dentro de casa, ambiente mal iluminado), use o flash – isso com a QuickSnap Super; a Marine não tem flash. Para a Marine, apenas em lugares com luz solar. Caso contrário, a foto sai escura e já que a gente está mesmo contando com as 27 fotos de cada pessoa, não é bom perder nenhuma pose. E ainda tem a distância mínima de 1 metro entre você e o objeto a ser fotografado, senão fica sem foco. Vale ler atentamente as orientações da caixa da câmera.

Depois que você tirar **todas** as fotos, me mande a câmera (**você tem até o final de março/2009 para fazer isso**). O endereço está na parte de contatos logo no início da outra página.

PHOTOSTAFF

O photostaff tem 10 pessoas (contando comigo). E aqui está a lista de nomes pra depois todo mundo se adicionar no Orkut:

QUEM	ONDE
Flávia Moreira Mota e Mota	Vitória da Conquista – BA / Brasil
Franziska Melanie Lach	Norderstedt / Alemanha
Gabriel Lé Chiarastelli Cavalheiro	São Paulo – SP / Brasil
Iulo Almeida Alves	Vitória da Conquista – BA / Brasil
José Carlos Fernandes Bitencourt	Vitória da Conquista – BA / Brasil
Mariana Meireles Quadros	Salvador – BA / Brasil
Marla Pollyanna Franklin	Recife - PE / Brasil
Thiago Pinheiro Martins	São Paulo – SP / Brasil
Rafael Henrique Lopes Kent	São Paulo – SP / Brasil

Obrigado,

Iulo Almeida

7.2 Anexo B – Planilhas de informações das fotografias

Presença e Me manda de voca com a câmera

FOTO	DATA	LOCAL	TITULO	EXPLICACAO
01	05/04	cond. Alt. muda das Fobias	"NINHO"	Os animais, ao adaptando à vida (humana) melhora, fazem desenvolvimentos dos int. Por isso... e os animais.
02	10/04	Faz. Sta. Maria	"A gente no ajota" #1	
03	10/04	"	" #2	
04	10/04	"	" #3	
05	10/04	"	"brother"	
06	10/04	"	UNO!	Até aquele o uso certo presente
07	10/04	"	Requeijão, queijo e tudo mais	Não podia faltar o Bem Zambão!
08	10/04	"	não tem idade...	Quando o assunto é diversão!
09	10/04	"	De qualquer jeito	O que vale é participar!
10	11/04	"	Piscina	
11	11/04	"	Piscina #2	
12	11/04	"	" #3 "O Salto"	
13	11/04	"	Esperando na fila	
14	11/04	"	cooperação	

15	11/09	"	Cooperação # 2	
16	11/09	"	"Se Tira"	
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				
26				
27				

O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior 25

	Date	Name	Explanation
1.	05.01.09	„Kringelkrugweg 26“	Our garden in winter. A good place to enjoy life.
2.	05.01.09	"Footprint"	My beloved cat Mucky is leaving footprints in the snow.
3.	06.01.09	„Mahnmal“ ↳ Herocaine	This belltower is a sign to remind the people about victims of the second world war. I took this picture on the one hand because I am interested in history in general but mainly because there cannot be enough things to remind us about the cruel past and to prevent us from doing something horrible over and over again.
4.	06.01.09	"Alster" - river	On the opposite of the Alster is the headquarter of my employee (Hapag Lloyd). This is one of Hamburg most fancy places.
5.	12.01.09	"Astra"	This is a bar in one of Hamburg most exciting Areas. "In the heart of St. Pauli". Astra is Hamburg's most famous beer brand and also my favorite one.
6.	12.01.09	1871	Bismarck founded Germany in 1871. I used to come to this place to study for history exams.
7.	12.01.09	Elbe	The Elbe is a channel which leads the ships from the North Sea into Port of Hamburg. Since it is winter river Elbe is frozen. This place reminds me a lot of my father. He used to take me there to show me the ships.
8.	16.01.09	Finanzkrise	While going from Europe to America it became pretty obvious that there is some instability in world's economics. The vessel was only a third loaded. Reason for me to be afraid losing my job someday due to the crisis. Let us hope for the best.
9.	20.01.09	Beisammen Sein Get Together	Sometimes it is sad not being able to celebrate the birthday at home. On a vessel everyone gets together and tries to make up a great party. I am happy to be together with such a nice crew. We are having lots of fun.
10.	25.01.09	New York Skyline	Could we have a more perfect time for entering New York? New York Skyline during sunrise. This picture was taken especially for Lulo since I know how much he loves the U.S.
11.	25.01.09	Timesquare	Times Square must be one of the most exciting places in the world. So many shops to enter, so many different people to gather at.
12.	02.02.09	Costelo	The man with the rice hat. He's one of my favorite colleagues.
13.	02.02.09	Trabalho	Everyday work on bord: Cleaning.
14.	03.02.09	Panama Canal	It's a magnificent place. In one day you cross a country with a ship and suddenly you come from one world into another.

15.	03.02.09	Anchorage	Vessels at anchorage waiting to enter the Gatún Locks.
16.	03.02.09	Jungle	The rainforest of Panama. The smell was very good there which is quite nice when the most you smell on bord is fuel oil.
17.	03.02.09	Miraflores	Ships are taken down via two levels to get from the Miraflores Lake into the Pacific Ocean.
18.	03.02.09	Progress	I wanted to point out the height of the elevator system. Ships are being lifted and taken down up until 27 m.
19.	03.02.09	Lock	This is one of the chambers of a lock. A ship has to have certain dimension to fit into it and hence be able to cross Panama Canal.
20.	06.02.09	Bridge	The head of a vessel. This is where I will spend most of the time in the future. Living Room and Working Place in one.
21.	10.02.09	Queen Mary	Queen Mary 2 is the ship of our hearts (Vanessa and me). In Long Beach/California I went to see the former Queen Mary which is a Museum nowadays.
22.	10.02.09	Long Beach	Typical road in Long Beach. I had a very nice shore leave there. First I went shopping and spend way too much money. In the evening I did some bar-hopping together with Chief Mate and Third Engineer.
23.	12.02.09	San Francisco Skyline	San Francisco is our last port in the US. The Skyline was amazing and I was sad that there was not enough time for me to go ashore. Unfortunately there is this stupid dredger in the picture but I could not go any farer since there was a gate. Who said that the US was a country of unlimited possibilities?
24.	12.02.09	Dresden Express Aft	My hometown for four month.
25.	12.02.09	Dresden Express Forward	My beautifully shaped vessel.
26.	24.02.09	Engine Room	The heart of a vessel. Go with the flow.

O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior 27

Presença e he devolta con a câmera

FOTO	DATA	LOCAL	TÍTULO	EXPLICAÇÃO
01		AV PAULISTA	SOL E CHUVA	
02		NESTOR PESTANA		
03		MARTINS FONTES		
04		MARTINS FONTES		
05		CONSOLAÇÃO		
06		CONSOLAÇÃO		
07		ELEVADOR		
08		CONSOLAÇÃO X PAULISTA		
09		TV CULTURA		
10		TV CULTURA	ESCALADA	
11		TV CULTURA	VERDE	
12		TV CULTURA	CAMPO	
13		TV CULTURA	CAMPO PRATA	
14		TV CULTURA	ANTENAS	

15	HELIOPOLIS	BI	
16	HELIOPOLIS	659 00 56	
17	HELIOPOLIS	53 00 166	
18	HELIOPOLIS	JANELA	
19	HELIOPOLIS	LA	
20	HELIOPOLIS	CORREDOIR	
21	HELIOPOLIS	GAIOLA	
22	HELIOPOLIS	70 6014	
23	HELIOPOLIS	COLLEU	
24	HELIOPOLIS	CANAL	
25	HELIOPOLIS	IMO	
26	HELIOPOLIS	209+944	
27			

O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior 29

16 DEVOLVA A TABELA JUNTO COM A CÂMERA

FOTO	DATA	LOCAL	TÍTULO	EXPLICAÇÃO
01	02/04/09	ARACAJU-SE (CASA)	UM COKACÃO, UMA COQUECA	A CÂMERA, COM COKACÃO RESOLVI- DOS, LÁ ESTAVA ENQUANTO PELA VEL VISTOU CAFE, COMO UM CO- CADO DA PELA 12 VEZ SANGRA.
02	06/04/09	" (CASA)	IDEIA	A SIMPLES MATERIALIZAÇÃO DE UM PENSAMENTO OBSEIVO E COMPLEXO
03	04/04/09	" (CASA)	QUADRO	COISAS DITAS E REGISTRADAS DESPREZIOSAMENTE NUM QUADRO BRANCO
04	07/04/09	" (COMUNHO)	PEQUENA	O TAMANHO DAS COISAS É RELATIVO, DEPENDE DO MUNDO
05	"	ARACAJU (CALÇADÃO)	LABIRINTO	
06	"	"	EQUILÍBRIO E SEGURANÇA	
07	"	"	POULIÇÃO	NÃO PELA LATA, MAS PELA PULSIÇÃO DE
08	"	"	A VOLTA DO PAU-BRASIL	
09	"	"	TRISTEZA	APENAS MÁSCARAS QUE USAMOS
10	"	"	ALEGRIA	" "
11	"	"	CACTOS	NO MEIO DA CIDADE, O SEBTÃO
12	"	ARACAJU (CARTÃO)	MÚSICA	MÚSICA É O TIPO DA COISA QUE, INFELIZEMENTE, NÃO SAI EM FOTOS
13	"	ARACAJU (LAGUNAS DA CASA)	PATOS	
14	"	"	PONTE	

15	//	↓	ESTÁTUA	UM SÍMBOLO DE HONRA NA SOCIEDADE
16	//	↓	PLACA	PORQUE (QUASE) NADA É DE GRÇA
17	//	↓	BARCO	QUANDO FALTA MAR PRA NAVEGAR
18	(//)	↓	ENERGIA	
19	//	↓	DESCANSAR	OS MAIS VENDIDOS SEMPRE SERÃO OS MAIS COMPRADOS
20	//	APRECIU (SHOP JARDINS)	OS MAIS VENDIDOS	AS PESSOAS SEMPRE PROCURAM OS MAIS VENDIDOS O QUE FAZ COM QUE SEES CONTINUAM SER OS MAIS VENDIDOS
21	//	↓	CASTANHA	PORQUE O AMOR TEM GOSTO DE CASTANHA PRA MIM
22		↓	INFÂNCIA	
23		↓	RELÓGIO	PRA SE SABER SOBRE AS VOLTAS DA TERRA
24				
25				
26				
27				

O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior 31

Prezados e me devolva com a câmera

FOTO	DATA	LOCAL	TÍTULO	EXPLICAÇÃO
01	09/03	BANHEIRO (SALVADOR-BA)	A VISTA DO MEU BANHEIRO	
02	12/03	RIO DE JANEIRO	4:30 PM	MOVIMENTO DA "CIDADE MARAVILHOSA" HOJA QUINTA - PEDRA DE VEZÃO.
03	13/03	RIO DE JANEIRO	GAÍVOTAS	PEDRA DA GÁVIA - RIO DE JANEIRO - NUNCA SEXTA - PEDRA QUEBRIÇA DE UZÉIO!
04	13/03	RIO DE JANEIRO	MAR DE NOVEIA	MAR QUE ACALMA E TRANQUILIZA, O MOVIMENTO FRENÉTICO DA CIDADE GRANDE.
05	13/03	RIO DE JANEIRO	PESCARIA DE SEXTA - FEIRA	
06	13/03			
07	13/03			
08	13/03	RIO DE JANEIRO	PÃO DE AÇÚCAR	BONDINHO DO PÃO DE AÇÚCAR.
09				
10				
11				
12				
13				
14				

15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				
26	25103	LADREIA DA BARRA (SALVADOR-BA)	PENSAMENTOS DE NÓE - DO - SOL	
27	25103	LADREIA DA BARRA (SALVADOR-BA)	CAIÓIA NADEJDA AMICA	

O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior 33

Presença e me devota com a câmera

FOTO	DATA	LOCAL	TÍTULO	EXPLICAÇÃO
01	11/03/09	Rua Arborga SP	Sombra e terra fresca	Ao andar pela rua observei este caso debedo sob uma árvore. @ me chamou atenção
02				Veio que ele estava na parte de terra, onde é mais fresco que o asfalto.
03				
04	11/03/09	Rua Arborga SP	Detalhes Naturais	Quis fazer uma composição simples, porém agradável do céu, sol e árvore.
05	13/03/09	Metrô SP	Escada Rolante	Achei interessante a perspectiva da escada vista de um ângulo baixo
06	14/03/09	Rua, Ponto de Ônibus	Ponto de Ônibus	A fila, no ponto de ônibus, formada por pessoas atrás de um poste que projetava sombra.
07	23/03/09	Rua	Protegendom idade	Casal de velhinhos se protegendo do sol.
08	28/03/09	Em casa	A cidade	Composição da cidade em um belo dia ensolarado
09	26/03/09	Metrô	Cotidiano	Quis registrar o cotidiano de muitas pessoas que vivem em SP
10	29/03/09	Sesc SP Paulista	São Paulo cidade vista	São Paulo vista de cima de um prédio - Av. Paulista
11	29/03/09	"	" II	"
12	29/03/09	"	" III	"
13	29/03/09	"	" IV	"
14	30/03/09	Banheiros de exposição	Banheiros culturais	Banheiros temáticos em exposição cultural fotográficas

Complimentar interessante

15	30/03/09	Exposição Fotográfica	Exposição Fotográfica	Fotos de espaços
16	30/03/09	"	"	Paulista
17	30/03/09	"	Paulista vista de cima	Fotos de espaços
18	30/03/09	"	"	"
19	30/03/09	Sesc - Paulista	Urbanização	Registro da cidade
20	05/04/09	Centro SP	Pessoas	Fotos do centro caótico de SP
21	05/04/08	"	McDonald's Old school	Mc em prédio neo-clássico no centro de SP
22	05/04/08	"	A hora do Almoço	Pessoas desconhecidas na hora do almoço
23	05/04/08	"	Cidade Caótica	Fam. migração Humana.
24	05/04/08	"	Antuogabais	Centro cidade de SP
25	"	"	"	Clube com sedes ao fundo. Campos de golfe
26	"	"	Banqueiro	Imitação do Empire State Building
27	"	"	Prédio dos correios	Primeiro prédio dos correios de SP.

O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior 35

Preencha e me devolva com a câmera

FOTO	DATA	LOCAL	TÍTULO	EXPLICAÇÃO
01	17/03	FOTO-TESTE	-	-
02	19/03	-	-	-
03	21/03	SEMINÁRIO NOSSA SENHORA DE FATIMA		IMAGEM QUE MOSTRA PARTE DA IGREJA E O CÉU AZUL.
04	21/03	AV. BOMMADO ESQ. C/AV. F. BENJAMIN		ÔNIBUS DA VIAÇÃO VITÓRIA NO SEMÁFORO DA AV. BOMMADO EM FRENTE AO SEMINÁRIO
05	21/03	AV. DA INTE- GRAÇÃO (BR-116)		ÔNIBUS DA EXPRESO LINDO SUBINDO A AVENIDA
06	21/03	AV. DA INTEGRAÇÃO (BR-116)		VISTA PARCIAL DA CIDADE
07	21/03	ARCO-ÍRIS		FIM DE TRAJE.
08	24/03	UESB		NOVOS ÔNIBUS DA UESB
09	29/03	PRAÇA LAGOA DAS BATERIAS		PARTE DO PRAÇA LAGOA DAS BATERIAS
10	29/03	PRAÇA LAGOA DAS BATERIAS		O OUTRO LADO DA LAGOA
11	29/03	BRANCA DO JARDIM AV. PARANÁ		VISTA PARCIAL DA CIDADE
12	29/03	ALÇA DE ACESSO AO ANEL VIÁRIO VIADUTO SUL		VIADUTO SUL DA BR-116 / ANEL VIÁRIO.
13	29/03	RUA DA GERÂNIA		ÔNIBUS DA SERDANA PASSAN- DO NO BOSQUE DA PAZUEIRA
14	29/03	ESTR. RODOVIA CONQUISTA X BARRA DO CAPOA		RODOVIA + PARTE DA CIDADE

15	29/03	RODOVIA CONQUISTA X BAZEA DO OMOCA		ÔNIBUS DA VIAÇÃO VITÓRIA NA RODOVIA.
16	29/03	RODOVIA CONQUISTA X B. DO CHOCÓ		VISTA PARCIAL DA CIDADE
17	29/03	BR-116		VIADUTO NORTE BR-116/ANEL VIADUTO + RODOVIA AO FUNDO.
18	03/04	PRAÇA TANCREDO NEVES		IMAGEM DA PRAÇA
19	03/04	PRAÇA TANCREDO NEVES		CASARÃO ANTIGO NA PRAÇA.
20	03/04	AVENIDA O. FLORES		VERDE NA AV. O FLORES
21	03/04	VIADUTO DA AV. O. FLORES		ANEL VIADUTO
22	03/04	UESB		BAMBUS
23	03/04	UESB		VENTO EM FRENTE AO MÓDULO DA RETORNA
24	03/04	UESB		CHUVA NA UESB
25	05/04	AV. MACAUBAS BAIRRO B. BACELAR		EUCALIPTOS NO ARTO DA SERRA.
26	05/04	AV. ANEL DO CONTRONDO BORO- VIADUTO BAIRRO IBIRAPUEBA		EUCALIPTOS NO ARTO DA SERRA.
27	14/04	BAMBUS NA UESB		ÔNIBUS DA VIAÇÃO VITÓRIA

7.3 Anexo C – Ofício de solicitação do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima

SOLICITAÇÃO

Eu, Iulo Almeida Alves, portador do RG 0981687547, CPF 019.150.415-70, formando do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, requeiro a este Centro de Cultura o espaço físico e as instalações da galeria a fim de que seja realizada a Exposição Fotográfica *O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior* no período de 17 de maio a 31 de maio do corrente ano.

Vitória da Conquista – BA, 09 de abril de 2009.


IULO ALMEIDA ALVES


Paulo Mascena
Coordenador
Cad. 54.455627-6

7.4 Anexo D – Fotografias produzidas por Flávia Mota



(UNO!, Fazenda Santa Marta – BA, 10 de abril de 2009)



(Sem título)



(Sem título)

7.5 Anexo E – Fotografias produzidas por Franziska Lach



(Elbe, Hamburg - Alemanha, 12 de janeiro de 2009)



(San Francisco Skyline, São Francisco – Estados Unidos, 12 de fevereiro de 2009)



(Timesquare, Nova Iorque – Estados Unidos, 25 de janeiro de 2009)

7.6 Anexo F – Fotografias produzidas por Gabriel Chiarastelli



(Sol e chuva)



(Escada, São Paulo – SP, TV Cultura)



(Janela, Heliópolis – São Paulo – SP)

7.7 Anexo G – Fotografias produzidas por Iulo Almeida



(Sem título)



(Sem título)



(Sem título)

7.8 Anexo H – Fotografias produzidas por Jean Prestes



(Equilíbrio e segurança, Aracaju – SE, 09 de abril de 2009)



(Energia, Aracaju – SE, 09 de abril de 2009)



(Relógio, Aracaju – SE)

7.9 Anexo I – Fotografias produzidas por Mariana Quadros



(*Mar de novela*, Rio de Janeiro – RJ, 13 de março de 2009)



(*Pão de Açúcar*, Rio de Janeiro – RJ, 13 de março de 2009)



(Sem título)

7.10 Anexo J – Fotografias produzidas por Marla Pollyanna



(Sem título)



(Sem título)



(Sem título)

7.11 Anexo K – Fotografias produzidas por Rafael Kent



(Sem título)



(Sem título)

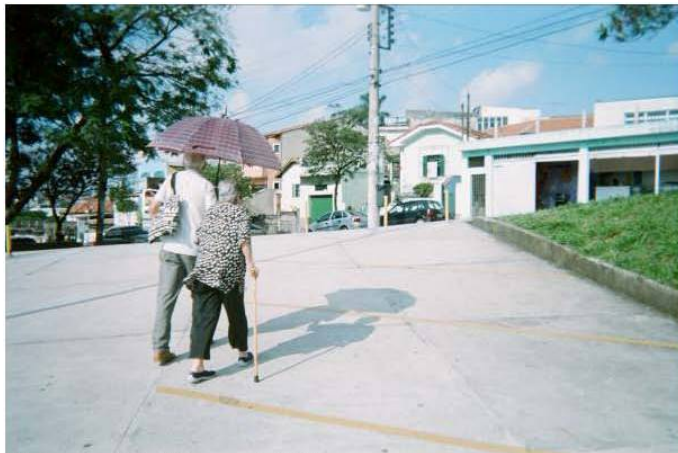


(Sem título)

7.12 Anexo L – Fotografias produzidas por Thiago Pinheiro



(Ponto de ônibus, 14 de março de 2009)



(Protegendo a idade, 23 de março de 2009)



(São Paulo: cidade caótica, Avenida Paulista – São Paulo – SP, 29 de março de 2009)

7.13 Anexo M – Fotografias produzidas por Welder Dias



(Sem título, UESB – Vitória da Conquista – BA, 24 de março de 2009)



(Sem título, Rodovia Conquista X Barra do Choça, 29 de março de 2009)



(Sem título, UESB – Vitória da Conquista – BA, 03 de abril de 2009)

7.14 Anexo N – Convite para a exposição O Que Vemos



7.15 Anexo O – Fotografias da exposição O Que Vemos





O Que Vemos: experiências fotográficas a partir do mundo interior 61



